

TRÊS MULHERES E SUAS HISTÓRIAS DE AMOR: STEIN, YOURCENAR E BISHOP

Telma Amaral Gonçalves*

Resumo

Em minha tese de doutoramento sobre o amor entre parcerias afetivo-sexuais homo e heterossexuais, utilizei como recurso metodológico para nomear os entrevistados a referência à personagens históricos dedicados ao campo da poesia e da literatura. A experiência se mostrou tão profícua que como desdobramento elaborei um projeto de pesquisa que se encontra em andamento e que se debruça sobre as histórias de amor dos pares Oscar Wilde e Alfred Douglas, Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, Marguerite Yourcenar e Grace Frick, Elizabeth Bishop e Lota Macedo e Gertrude Stein e Alice B. Toklas. Nesta comunicação pretendo apresentar algumas particularidades da trajetória amorosa dos pares femininos com ênfase no significado do amor em suas vidas, avaliando ao mesmo tempo, o impacto da escolha amorosa em suas vidas pessoais e no contexto específico em que este viveu, haja vista que estas parcerias viveram suas relações amorosas nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: gênero, literatura e relações amorosas

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar a vida de três escritoras consagradas que viveram relações amorosas com outras mulheres que foram suas parceiras durante um longo período de suas vidas. Trata-se, portanto de um debate em torno de sua homoafetividade desde a constituição do vínculo amoroso que uniu o par, desdobrando-se para a sua vivência cotidiana, marcada por alegrias, realizações, conflitos e tensões.

Os pares amorosos a que me refiro são formados por Gertrude Stein, escritora americana dona de um estilo bastante peculiar cuja obra mais conhecida talvez seja “A autobiografia de Alice B. Toklas”(1933)¹, Alice que foi sua parceira ao longo de trinta e sete anos de vida em comum. Outra parceria é composta por Marguerite Yourcenar, escritora francesa cujo romance histórico “Memórias de Adriano” (1995[1951])² é considerado um clássico e que viveu um relacionamento de quarenta anos com a professora universitária americana Grace Frick. E, por fim, a história da conhecida poetisa americana Elizabeth Bishop que durante quinze anos viveu com Lota de Macedo Soares, uma brasileira pertencente à elite carioca. Em todos os casos, estas mulheres

* UFPA. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Faculdade de Ciências Sociais/ Laboratório de Antropologia. E-mail: telmaral@ufpa.br

¹ Stein, G. A autobiografia de Alice B. Toklas. Rio Grande do Sul: L&M Pockets, 2006[1933]

² Yourcenar, M. Memórias de Adriano. São Paulo: Record, 1995[1951]).

partilharam uma vida em comum, inclusive residindo no mesmo espaço físico e usufruindo de uma convivência com a elite intelectual e artística de sua época.

Antes, porém, de adentrar no universo dessas mulheres remeto o leitor para a gênese de meu interesse em investigar tão instigantes vidas.

2 COMO TUDO COMEÇOU

Em minha tese de doutoramento intitulada “Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade”³, analisei o amor e as práticas amorosas - o discurso elaborado e expresso sobre ele, bem como a sua prática atualizada através do estabelecimento de díades amorosas pertencentes ao universo homo e heterossexual. Para tal, trabalhei com dez parcerias, distribuídas segundo o critério de gênero, da seguinte forma: três heterossexuais, três homossexuais femininas e quatro homossexuais masculinas, todas pertencentes a segmentos das camadas médias urbanas da cidade de Belém.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados, optei por utilizar nomes fictícios de parcerias históricas ligadas à literatura e eternizadas em filmes⁴ e a partir daí procurei conhecer um pouco mais acerca da vida daqueles personagens que iriam me acompanhar ao longo da tese. Este trabalho demandou um esforço grandioso e um dispêndio de tempo com o qual eu não contava, mas ao mesmo tempo me permitiu o contato com um universo que eu sequer imaginava existir. Pude então no âmbito da tese reconstituir, ainda que de forma limitada, a história amorosa dos pares selecionados e estabelecer algumas correlações entre estas vidas e a de meus interlocutores originais identificando similaridades e discrepâncias. Foi exatamente este esforço que me fez refletir que essas outras histórias de amor dariam uma “tese” à parte, pois acabei por levantar um material substancial que foi pouco explorado por mim.

E é exatamente sobre este material – mais especificamente sobre o universo homossexual feminino nesse caso - que me debruço neste artigo, cujo objetivo é reconstituir/analisar as histórias de amor destas parcerias cujos amores foram vividos

³ Amaral Gonçalves, Telma. “Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade”. Tese de Doutorado. Belém:UFPA/PPGCS. 2011.

⁴ Foram estes os pares que nomearam meus entrevistados na tese: Ennis Del Mar e Jack Twist, Alfred Douglas e Oscar Wilde, Armand e Albert, Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, Elizabeth Bishop e Lota Macedo, Gertrude Stein e Alice B. Toklas, Marguerite Yourcenar e Grace Frick, Charles Darwin e Emma Wedgwood, Tristão e Isolda e Anah Pereira de Melo Franco e Afonso Arinos de Melo Franco.

intensamente dentro dos limites que o contexto histórico permitia. Todas elas têm uma rica trajetória de vida e no campo amoroso apresentam um percurso diferenciado por estarem em desacordo com os padrões vigentes à época (e por que não dizer ainda hoje, de certo modo) de afetividade e de exercício da sexualidade. Além disso, foram mulheres expressivas na sociedade em que viveram, ganhando visibilidade pública e influenciando – no campo específico em que atuaram – a cultura de seu tempo, muitas vezes estando à frente dela.

3 SEIS MULHERES, TRÊS HISTÓRIAS DE AMOR

a) Gertrude Stein (1874-1946) e Alice Babbete Toklas (1877-1967)

Gertrude e Alice nasceram e foram educadas nos Estados Unidos. O par se conheceu em Paris no ano de 1907 e passou a viver junto dois anos depois, em 1909 somando trinta e sete anos de relacionamento.

Gertrude era filha caçula de empresários judeus e havia perdido a mãe para o câncer aos quatorze anos e o pai aos dezessete. Nascida no Pensilvânia, morou na Áustria e depois na França com o irmão mais velho, onde se estabeleceu definitivamente. Foi na França que começou a tentar seriamente a carreira literária e a se interessar e adquirir obras de arte moderna o que se tornou uma paixão cultivada longamente. E foi também nesse país que adquiriu notoriedade como escritora.

Alice B. Toklas, como sempre aparece nas referências a seu nome, suas ou de outros, nasceu em São Francisco, Califórnia, no seio de uma família também judia de classe média. De modo semelhante à Stein, perdeu sua mãe para o câncer aos vinte anos. Em viagem por Paris conhece Gertrude e se junta a ela e ao grupo de artistas expatriados com os quais esta mantinha estreita relação à exemplo Picasso, Matisse, Hemingway e tantos outros⁵. Alice ficou fascinada com Gertrude, com sua aparência, com sua voz, com seu porte altivo. Como ela mesma disse: *“as duas coisas dela que mais me impressionaram foram o broche de coral que usava e a voz”* (STEIN:2011:09)

Ela permanece na França e passa a morar com Gertrude assumindo a posição de secretária, amante, de administradora da casa e, de certo modo, da vida da escritora,

⁵ Aliás, em algumas das crônicas escritas por Hemingway e reunidas depois na conhecida coletânea – que repete sua frase famosa sobre a cidade luz – “Paris é uma festa” (2000[1964]) – este autor apresenta uma rico painel de sua relação com Alice e Gertrude, bem como do estilo de vida e da personalidade das duas e da importância e repercussão do movimentado “salão” da casa da escritora onde todos da chamada “geração perdida” eram recebidos.

pois é ela quem cuida de tudo que diz respeito não só ao cotidiano do par, mas também, gerencia a vida profissional de Gertrude. Cercadas por um círculo invejável de amigos que se tornariam ilustres, elas desfrutavam constantemente da presença destes em casa, mas até disso Alice cuidava e tratava de despachar aqueles que considerava indignos do salão de Stein. Esta, por seu turno, habituada a ser cuidada e a deixar que os outros realizassem por ela as mínimas tarefas, cuidava apenas de sua produção literária o que não lhe exigia muito esforço, pois seu ritmo de trabalho era lento - ela apenas escrevia e Alice datilografava e traduzia se fosse o caso; além disso, Stein considerava-se um gênio e afirmava que *“ser gênio leva muito tempo, você tem que ficar sentada por muito tempo, sem fazer nada, absolutamente nada”* (STEIN:2010), preceito que ela seguia à risca.

Assim, mesmo se colocando fora dos refletores e à sombra de Stein, Alice desempenhava um papel central na vida de ambas e, em especial, na carreira literária de Gertrude que ela acompanhava com extremado zelo, mesmo depois que esta se foi. A consagração total de Stein se deu com a publicação em 1933 de uma obra em que, ainda que a autoria fosse daquela que se tornara uma celebridade em sua época, o tema versava sobre Alice, a outra que sempre se manteve obscurecida pelo brilho de Stein que era quem se destacava na vida pública dada a sua condição de escritora. Por outro lado, *“A autobiografia de Alice B. Toklas”* é uma obra que dá visibilidade à Alice, mas sempre sob a pena de escritora de Stein, reproduzindo, desse modo, literariamente o que foi a vida de ambas. Aliás, também fielmente traduzida no livro, este escrito por Toklas que, a partir de um tema expresso no título, trata das memórias de suas vidas e da própria vida na França ocupada pelos alemães – *“O livro de cozinha de Alice B. Toklas”* (1996[1954]).

Foram quase quarenta anos de um convivência intensa, que atravessa inclusive, como referido acima, a França ocupada pelos alemães, de um vida partilhada em que Alice e Gertrude estiveram sempre juntas. Vítima de um câncer, doença que mais uma vez interfere na vida das duas, Gertrude sucumbe aos sessenta e oito anos, deixando Alice desolada. Ainda assim, ela continua a exercer seu papel de administradora da obra de sua parceira. Sua velhice foi difícil e em meio à pobreza, pois ainda que em testamento Gertrude tenha deixado parte de sua coleção de arte moderna para ela, o usufruto destes bens só poderia ser em vida e por ocasião de sua morte ficaria na posse do sobrinho de Gertrude, o que impossibilitava sua comercialização principalmente

diante do olhar atento dos herdeiros. Assim, Alice sofreu inúmeras privações e teve que contar com a ajuda de alguns poucos amigos.

Para a posteridade permaneceu Gertrude e sua obra, para os conhecedores da vida destas duas mulheres, ficou registrada uma singular história de amor.

b) Marguerite Yourcenar (1903-1987) e Grace Frick(1903-1979)

Marguerite e Grace conheceram-se em 1937 ocasião em que Grace, que era americana, estava em viagem pela França. Encantada por Marguerite, Grace se apaixonou e passa com ela todo o restante de sua vida o que soma quarenta anos de relacionamento.

Marguerite era oriunda de uma família aristocrática e tendo perdido sua mãe onze dias após o parto, foi criada pelo pai de quem recebeu uma educação clássica, complementada por inúmeras viagens pelo mundo. Desde jovem passou a se dedicar à literatura, tornando-se uma escritora consagrada, a ponto de em 1981, ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa.

Grace Frick também pertencia a uma família abastada do sul dos Estados Unidos e tendo ficado órfã cedo foi criada por um tio. Obteve seu diploma de Bacharel em Arte, em 1925 e seu Mestrado em literatura inglesa, em 1927, após o que tornou-se professora universitária.

Depois do contato inicial, Marguerite e Grace iniciam uma relação de amizade que resultou em algumas viagens que realizaram juntas. Primeiramente, Grace viaja com Marguerite pela Itália e pela Grécia. Depois será a vez de Marguerite visitar os Estados Unidos. O registro das diversas etapas das viagens feitas por elas era feito por Grace que até o final de sua vida cultivou o hábito de anotar em agendas fatos do cotidiano, eventos, viagens e tudo aquilo que ela considerava significativo. O fato é que Grace estava apaixonada o que ela registra num bilhete que envia a Marguerite no ano de 1938 onde afirma: *“So I love you, believe it or not”* (Savigneau:1991:168). Esta, por sua vez, tinha estado recentemente apaixonada por seu editor que era homossexual e que não correspondeu ao seu amor, o que constituía para ela uma situação não de todo resolvida; apesar disso e mesmo ciente do amor de Grace ela mantém uma relação amorosa na Europa, desta feita com outra mulher.

No entanto, em 1939, devido à guerra que se alastra na Europa e da qual ela queria fugir, Marguerite toma a decisão de embarcar para os Estados Unidos para uma estadia de seis meses a um ano. Chegando lá, ela se instala no apartamento de Grace e

elas de fato iniciam uma vida em comum primeiramente em Manhattan, depois em Connecticut e finalmente, de forma definitiva no Maine, numa ilha chamada Montes Desertos, onde adquiriram uma casa denominada por elas de *“petite plaisance”*. Marguerite passou os dez primeiros anos de sua vida conjugal com Grace sem sair dos Estados Unidos, país do qual ela ganhou nacionalidade, mas que nunca foi verdadeiramente seu, pois ela possuía um vínculo muito forte com a Europa, além de ter um “espírito nômade” que a impulsionava a mudar sempre. Apesar disso, ela ficou com Grace e disse *“eu não decidi nada, deixei-me levar”*. Deixou-se levar, pelo amor, pela vida tranquila, pela solicitude sempre presente de Grace, pela possibilidade de dedicar-se inteiramente ao seu trabalho de escritora, enfim por tudo aquilo de bom que a possibilidade de ficar oferecia.

Na fase inicial ela trabalhou como tradutora, fez alguns trabalhos jornalísticos, turnês de conferências até se estabelecer como professora universitária de literatura e retomar sua vida de escritora. Grace, por sua vez, que tinha todo interesse em reter Marguerite perto de si, cuidava de todos os detalhes da vida diária, assumindo os papéis não só de amante, mas de ajudante, secretária e tradutora de seus livros para o inglês, papéis que ela desempenha até o final de sua vida.

Após dez anos de exílio nos Estados Unidos, Marguerite retoma seus contatos na Europa e passa a viajar regularmente para lá, sempre acompanhada de Grace da qual ela raramente se separa. Foram quarenta anos de vida em comum, marcados pela *“paixão inicial”* como disse certa vez Marguerite e também por momentos de turbulência. Os anos mais difíceis foram especialmente os dez últimos em que Grace lutou bravamente contra um câncer o que obrigou Marguerite a permanecer isolada da Europa, no que ela definia como uma *“vida imóvel”*, anos que coincidiram com o seu apogeu como escritora e que geraram uma insatisfação contida como ela mesma diz: *“não sei quando acabará essa má sorte. Pois é sempre má sorte estar imobilizada contra a sua vontade”*. Nesse período ela se recusou a deixar Grace ainda que isso lhe fosse extremamente penoso e ficou com ela até os seus últimos momentos que foram marcados por uma certa animosidade entre ambas. Em parte devido ao estado crítico de saúde de Grace que sofria de dores atroz e até mesmo pelo envelhecimento e temperamento das duas que se encontravam, nessa altura, na casa dos setenta anos. Sua “má sorte” só acabou quando Grace foi vencida finalmente, pela doença, deixando para trás quarenta anos de um amor que como todos (ou quase todos) os amores enfrentou alegrias e percalços, tranquilidade e tormenta, realizações e perdas.

c) Elizabeth Bishop (1911-1979) e Lota Macedo Soares (1910-1967)

Bishop, grande poetisa norte-americana, viveu durante quinze anos uma intensa história de amor com a brasileira Lota Macedo. Foi um período marcado por muita alegria, mas também permeado por inúmeras dificuldades que acabaram por separar o casal.

Lota era oriunda de uma família aristocrática que viera para o Brasil no tempo da colonização. Nascida em Paris, falava fluentemente francês e português e dominava menos o inglês. No âmbito familiar era vista como intelectual, anticonvencional e homossexual. Apesar de não ter cursado uma universidade, tinha conhecimentos profundos em vários campos, como arte, arquitetura e urbanismo e era considerada pelos amigos como uma mulher inteligente, espirituosa, sofisticada, generosa e determinada. Desgastada emocionalmente com a separação dos pais, resolveu morar sozinha aos vinte e cinco anos, o que já significou um pequeno escândalo na alta sociedade da época. Retornando de um período em Nova York, projetou e construiu com a ajuda de um arquiteto sua casa no bairro de Samambaia, em Petrópolis, construção que se tornou um marco da arquitetura brasileira moderna.

Elizabeth ficou órfã de pai quando tinha oito meses e a mãe, que entrou em surto psicótico a partir disso, passou o resto da vida em clínicas psiquiátricas, não tendo tido convivência com a filha que foi criada inicialmente com os avós maternos, em seguida com os avós paternos e depois por uma tia materna. Terminou seus estudos e iniciou sua carreira como poetisa e escritora. Tímida e insegura, sua trajetória foi marcada por estados depressivos, momentos nos quais ela recorria ao álcool, chegando a se internar várias vezes para tratamento.

A escritora chegou ao Brasil em novembro de 1951, passando inclusive por Belém e tendo ido até a cidade da Vigia, como relata em uma de suas crônicas (1996:135). Ela pretendia passar aproximadamente quinze dias, mas conheceu Lota e com ela permaneceu no país por quinze anos. Pode-se dizer que o motivo inicial da permanência de Bishop no Brasil foi um prosaico caju, no qual ela deu duas mordidas, o que lhe provocou uma crise alérgica, cujo inchaço deformou suas mãos e rosto. Hospedada na cobertura de Lota na praia de Copacabana, a atenção dispensada pelos brasileiros a encantou; mais tarde, quando foi para a casa de Samambaia ainda em construção, Lota declarou-se apaixonada por ela e pediu-lhe que permanecesse ali, dizendo que tomaria conta dela e construiria um estúdio perto da casa no qual ela poderia se dedicar à sua

poesia, o que de fato aconteceu. Elizabeth que se definia como “*a pessoa mais solitária que jamais viveu*” registrou em uma carta: “*foi a primeira vez que alguém me ofereceu um lar, tanta coisa*” e considerou que estava “*extremamente feliz pela primeira vez na vida*”. Ao lado de Lota, ela viveu um dos períodos mais harmoniosos e produtivos de sua vida – escreveu parte substancial de sua obra nessa época – mas também um dos mais turbulentos.

Em 1960, Carlos Lacerda, amigo de Lota, tornou-se governador da Guanabara e a convidou para realizar uma obra pública, o Aterro do Flamengo, o que fez com que as duas tivessem que se mudar para o apartamento no Rio de Janeiro. Lota dedicou-se de corpo e alma a essa obra que se transformou num processo turbulento, agravado pelo fato de estar sendo encabeçado por uma mulher sem diploma universitário, o que gerou inúmeros conflitos com outros profissionais que participavam do projeto. A situação foi se tornando cada vez mais insustentável e o relacionamento das duas começou a sofrer um desgaste inevitável devido aos cinco anos de obras no Parque, com Lota trabalhando de doze a catorze horas por dia. Relegada, a poetisa voltara ao álcool e não mais produzia, acabando por aceitar um convite para dar um curso em Seattle, nos EUA.

Aliviada por afastar-se das turbulências políticas do Brasil, Elizabeth desejava que Lota pudesse estar com ela, mas Lota estava completamente envolvida com o projeto que estava desenvolvendo e não se prontificava a viajar. Apesar disso, Elizabeth pretendia voltar para o Brasil e viver com Lota “*para todo o sempre*”.

Com a derrota do candidato de Carlos Lacerda em 1965, Lota foi retirada do comando dos trabalhos, o que resultou em um colapso nervoso e ela teve que ser hospitalizada. O médico de Lota pediu que Elizabeth se mantivesse afastada a fim de que esta saísse da crise e ela que já havia retornado ao Brasil, viaja para Nova York.

Em setembro de 1967, Lota enviou um telegrama à Elizabeth Bishop dizendo que estava indo para Nova York encontrá-la. Elizabeth a recebeu no aeroporto e a levou para o apartamento que estava ocupando. Lota não estava bem e mostrava-se muito deprimida e fragilizada, física e mentalmente. Na mesma noite da chegada, Lota tomou um vidro inteiro de antidepressivos. Depois de uma semana em coma, seu coração parou. Só então Bishop comunicou a família de Lota no Brasil, o que lhe rendeu inúmeros constrangimentos e acusações de responsabilidade pela morte de sua parceira. Depois de quinze anos junto à Lota, Elizabeth se viu sozinha novamente teve que dar curso à sua vida.

4 FALANDO DE AMOR

Falar do amor que marcou tão fortemente a vida dessas seis mulheres é falar de um tema cujo alcance ultrapassa os limites das relações amorosas em si ou propriamente ditas e permite pensar/interpretar a própria vida social.

Do ponto de vista acadêmico há que se considerar que o tema só muito recentemente tem sido objeto de análise nas ciências sociais e, particularmente, da antropologia. Em contrapartida, literariamente o tema do amor e todas as suas variações tem sido explorado desde sempre. A que se deve essa espécie de descaso?

Em seu estudo sobre o discurso amoroso, Barthes (2003), se refere à forma como este é visto, o que remete, de certa maneira, ao que está sendo discutido aqui sobre o tratamento que se dá ao amor enquanto tema de estudo. Segundo ele, apesar de ser falado por milhares de sujeitos, este discurso não é sustentado por ninguém, sendo *“relegado pelas linguagens existentes, ou ignorado, ou depreciado ou zombado por elas, cortado não apenas do poder; mas também de seus mecanismos (ciência, saberes, arte)”* (p. XVI). Vejo assim que, ainda que este autor se refira ao discurso amoroso que ele resgata na obra de diversos autores, é possível ampliar sua análise no sentido de pensar, também, acerca do processo de discussão e tematização sobre o amor e da dificuldade em lidar com temas do cotidiano aparentemente banais e sobre os quais parece que não há mais (para muitos, nem nunca houve) nada a dizer, o que é discutido por outros autores como Alberoni (1979), Azevedo (1986) e DaMatta (1986), para citar alguns nomes.

Todavia, ainda que se possa pensar o contrário, o amor é um tema fecundo. Não o amor naturalizado ou romantizado que permeia nosso imaginário, mas o amor que se constrói diariamente na vida a dois, marcado por encontros e desencontros, por paixões e desencantos, por mudanças e acomodações, por realizações e frustrações. Enfim, um amor feito e vivido por pessoas reais.

5 HOMOAFETIVIDADE: VISIBILIDADE E OCULTAMENTO

Em se tratando das histórias de amor sobre as quais me debruço, alguns aspectos precisam ser considerados. No que se refere à temporalidade, todas as parcerias aqui analisadas viveram suas relações amorosas no século XX ainda que o par mais antigo, Stein/Toklas se localize na primeira metade, no período de 1909 a 1944, quando tinham

35 e 32 anos, respectivamente, e as demais na segunda metade: Yourcenar/Frick entre 1939 e 1979, ambas com 36 anos e Bishop/Macedo de 1951 a 1967, a primeira com 41 e a segunda com 42 anos. É interessante observar que uma vez iniciado o relacionamento ou logo após, elas passam a residir juntas, num regime de coabitação, em geral na residência de uma delas, situação essa que se prolonga até o término do relacionamento que nos casos em questão se deu em função da morte de uma das duas, Stein, Frick e Macedo, respectivamente.

No caso Stein/Toklas é Alice quem passa a residir com Gertrude que apesar de americana (ambas o são) já estava estabelecida em Paris. Com o tempo elas mudam de residência (inclusive devido a 2ª guerra mundial), mas nunca se separam, ou seja, durante todo o tempo que durou o relacionamento elas partilham o mesmo espaço. O mesmo se dá com Yourcenar/Frick que se conhecem também em Paris (Marguerite era belga e Grace americana) e depois de um período em que ambas realizam inúmeras viagens juntas, novamente em função de 2ª guerra, se estabelecem nos Estados Unidos onde permanecem residindo durante todo o tempo de vida em comum, ainda que continuem viajando, sempre juntas vale ressaltar, pela Europa. Neste caso, Marguerite migra para outro país e fica apartada de seus vínculos de amizade que estão todos na Europa o que ela sempre refere como algo que lhe causa contrariedade. Finalmente, temos Bishop/Macedo numa situação se assemelha a de Marguerite e Grace, pois Elizabeth, americana que era, chega ao Brasil como uma estrangeira que desconhece completamente a língua nativa que ela nunca chegará a dominar, mesmo depois de quinze anos vivendo com Lota. Esta é quem abriga Bishop em sua casa em Samambaia, Petrópolis, que se encontrava em construção e elas passam a viver ali e depois no apartamento de Lota no Rio de Janeiro.

Como se pode observar estas mulheres viveram uma parceria de longa duração e representavam a si mesmas como um casal, subvertendo o modelo afetivo-sexual vigente no período. Certamente, como disse antes, num círculo mais restrito e íntimo, tal qual o seleto grupo de artistas, literatos, pintores e amigos que frequentava a casa e/ou convivia com Stein/Toklas, Lota/Bishop e Yourcenar/Frick, não se desconhecia que ali se tratava de um tipo particular de relação – uma relação amorosa vivida em toda a sua intensidade. Isso não significa afirmar a inexistência de preconceito em relação à

sociedade mais ampla⁶, ainda que eu, particularmente, nos documentos que tenho acessado⁷ não tenha me deparado abertamente com isso.

Evidentemente, hoje, ao acessar a biografia dessas mulheres essa informação é sempre mencionada, todavia no período em que elas viveram suas histórias de amor, certamente tiveram que enfrentar diante da sociedade mais ampla, em alguma medida, certo ocultamento no que tange ao tipo de relacionamento que cultivavam entre si. Digo certo ocultamento porque ao mesmo tempo que escondiam, revelavam. Afinal, eram duas mulheres, solteiras, sem vínculos amorosos com homens, com alguns elementos de sua aparência que rompiam com o modelo de feminilidade em vigor. Por outro lado, como afirma Janet Malcolm, biógrafa de Stein “*a palavra lésbica nunca foi pronunciada publicamente por nenhuma delas sobre sua relação*” e apesar de seu amor ter sido documentado em poemas eróticos de Stein, estes só foram publicados após sua morte (2008:50). Em 1903, Gertrude produziu uma novela que ficou, segundo Toklas, “*completamente esquecida*” (STEIN:2006[1933]:89-90), em cujo enredo havia um triângulo amoroso feminino, sendo uma das personagens a própria Stein, o que gerou uma violenta crise de ciúmes quando o texto foi descoberto por Alice. Como se vê em

⁶ Um trecho de uma matéria publicada no IG online (<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/2012-05-31/homossexualismo-em-filme-com-gloria-pires-afasta-patrocinadores.html>) sobre um filme que conta a história de Bishop/ Macedo dá bem a dimensão do que estou discutindo. “*Um diretor renomado que já teve filme até indicado ao Oscar. A protagonista é uma das atrizes mais disputadas do cinema nacional com uma carreira invejável por muitos. O roteiro tem como tema central a história de amor entre duas figuras importantes para a história do Rio de Janeiro e da literatura internacional. Com todos esses atributos é fácil imaginar que a produção do filme “Flores Raras”, dirigido por Bruno Barreto e com Glória Pires no elenco, não teria problemas para a captação de patrocínios. No entanto, o longa-metragem enfrenta fortes barreiras nesse sentido.*” (...) “*Quando apresentamos o projeto para as empresas, dizem que a história é linda. Mas na hora de dar a resposta, tiram o corpo fora alegando que não podem atrelar a imagem da empresa a esse assunto. Nunca esperei passar por isso em pleno século 21 e num país que se diz de mente aberta*”, contou Paula Barreto, da LC Barreto Produções”.

⁷ Sobre Bishop/Macedo acessei especificamente as obras “*Um Porto para Elizabeth Bishop*”, originalmente uma peça de teatro transformada em livro (GÓES: 2001), o livro “*Flores Raras e Banalíssimas, a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*” (OLIVEIRA:1995), uma tese de doutorado “*Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*” (NOGUEIRA: 2005), o livro “*Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop*” (GIROUX:1994) e a obra de Bishop “*Esforços do Afeto*” (BISHOP:1996), o livro “*Duas Artes*” (MARTINS:2006), o livro “*A arte de perder*” (SLEDGE:2011), bem como o livro “*Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*” (BRITTO:2012); sobre Gertrude Stein e Alice Toklas é também possível encontrar uma variedade de obras, dentre as quais acessei “*Duas Vidas*” (MALCOLM: 2008) e “*A Autobiografia de Alice B. Toklas*” (STEIN: 2006) e “*O livro de cozinha de Alice B. Toklas*” (TOKLAS:1996[1954]); sobre o par Marguerite Yourcenar e Grace Frick, me foi útil a trilogia de Yourcenar composta de três obras “*Recordações de Família*”(1974), “*Arquivos do Norte*” (1977) “*A eternidade, o que é?*” (1988), bem como a biografia “*Marguerite Yourcenar: a invenção de uma vida*” (SAVIGNEAU: 1990) e o livro “*De olhos abertos*” (GALEY: 1983) que registra entrevistas com a autora.

alguns casos a divulgação de registros acerca de suas vidas se deu *post-mortem* através do trabalho de estudiosos e biógrafos.

Em se tratando de Youcenar, Savigneau (1990) afirma que ela preferia usar o termo sensualidade ao invés de sexualidade e que referir esse assunto em carta a uma amiga afirmou: “*em matéria de vida pessoal é preciso dizer tudo, firmemente e sem equívoco possível, ou ao contrário, nada dizer*”(p. 291). Ela por sua vez mostrava um certo recuo diante do que chamava “*escolhas sensuais*”. Segundo Savigneau:

“O silêncio de Marguerite Yourcenar sobre sua preferência por mulheres, que muitas vezes foi imputado a uma finura que não seria muito de seu feitio, era antes uma clara convicção de que a liberdade legitimamente reivindicada de não mais esconder o próprio modo de vida coexistia com a liberdade, do mesmo modo legítima, de nada dizer a respeito”(p. 292).

No caso específico de Yourcenar, houve de sua parte toda uma preocupação em deixar para a posteridade aquilo que era considerado pertinente revelar. Assim, ela se preocupou em escrever sua própria biografia dando uma versão pessoal dos fatos que viveu, pois como ela mesma disse: “*Estou em melhor situação do que ninguém para saber que os biógrafos, mesmo quando não são voluntariamente malévolos, enganam-se quase sempre, porque só tem sobre as pessoas de quem falam informações superficiais*” (apud SAVIGNEAU, 1990:15); além disso, destruiu no seu último ano de vida, numerosos documentos que foram queimados na lareira de sua casa e se preocupou em fazer um inventário de todos os documentos pessoais aos quais o público poderia ter acesso após sua morte, registros estes que só seriam liberados, por determinação sua, depois de transcorridos cinquenta anos de seu falecimento, ou seja, no ano de 2037.

Elizabeth Bishop, durante o tempo que esteve no Brasil manteve uma extensa correspondência⁸ com amigos, incluindo sua terapeuta, em que falava claramente de Lota, de suas alegrias e dos problemas quando estes começaram a surgir. Ela também escreveu vários poemas em que aborda o amor entre mulheres a exemplo do belo “*É maravilhoso despertar juntas*”(2012) cujo trecho reproduzo a seguir:

*“É maravilhoso despertar juntas
No mesmo minuto; maravilhoso ouvir
A chuva começando de repente a crepitar no telhado,
Sentir o ar limpo de repente
Como se percorrido pela eletricidade*

⁸ O Livro “Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop”, organizado por Robert Giroux cobre o extenso período que vai de 1934 até 1979. São Paulo: Companhia das Letras:1995.

*Numa rede negra de fios no céu.
No telhado, a chuva cai, tamborilando,
E cá embaixo, caem beijos brandos.(...)”*

Não podendo aparecer claramente ou se apresentar como uma parceria amorosa, ou podendo aparecer apenas de uma certa forma, especial, particular que na verdade não revela e sim oculta (ou quer ocultar, mas revela), os pares homossexuais encontram formas de se apresentar ou de se representar socialmente à exemplo dos registros fotográficos.

No caso das mulheres que trato aqui, foi possível encontrar fotografias em que o par “aparece junto”, em espaços públicos e também na intimidade do lar, mas as fotos pouco revelam a não ser para aqueles que sabem que se trata de duas mulheres que têm um relacionamento amoroso, pois o que vemos nelas são duas mulheres – dependendo de quem olha, duas velhas - em espreguiçadeiras, duas mulheres passeando na rua com um cão, nos degraus de um avião, duas mulheres numa grande sala, bastante ataviada, sentadas em sofás que se posicionam em extremidades opostas⁹.

Malcolm em se referindo a uma famosa fotografia tirada na sala da casa onde residiam Gertrude/Alice faz uma interessante observação:

“Elas estão sentadas a uma mesa baixa, uma de cada lado, em frente a uma lareira sobre a qual se vêem quadros modernistas – Gertrude gorda, bonitona, confortável e benevolente; Alice magra, feia, tensa e amarga. A fotografia é uma espécie de paródia do retrato, comum na sociedade convencional, do marido e da mulher em casa – ela cintila aparências mantidas e frases jamais ditas, características do gênero” (2008: 50).

6 VIDA COTIDIANA: O QUE CABIA A CADA UMA

Ainda sob o prisma da vida cotidiana é interessante observar como esses pares organizaram suas vidas no sentido do que cabia a cada uma realizar. Gertrude e Alice por exemplo, partilhavam conjuntamente da vida pública, mas no âmbito privado era a Alice que cabia a administração de tudo que dizia respeito às questões domésticas, desde as tarefas do dia-a-dia até a organização da agenda de sua parceira, participação

⁹ Existem muitos registros fotográficos disponíveis na internet e nas obras consultadas que retratam essas mulheres. Identifiquei mais frequentemente imagens de Gertrude e Alice juntas em varias situações e épocas, mas nunca como um par amoroso no sentido que tenho referido. Mais escassas são imagens em conjunto de Elizabeth e Lota.

em eventos, recepção de amigos em casa, etc. À Gertrude restava o trabalho de escritora exclusivamente, pois até os seus manuscritos eram datilografados por Alice.

Marguerite e Grace tinham uma rotina semelhante já que era Grace quem cuidava das questões da vida cotidiana, das inúmeras viagens que elas fizeram, da tradução de seus trabalhos para o inglês e isso ela fazia com uma competência inigualável e um extremo controle de tudo. São famosas as inúmeras agendas que foram se acumulando ao longo da vida em comum onde tudo que se referia a vida cotidiana era anotado com minúcia. Por outro lado, Yourcenar administrava sua vida profissional com rigor não só na escrita, como também na negociação com os editores de suas obras e também exercendo atividades extras como professora, ministrando alguns cursos em universidades. Para Grace era fácil assumir a tarefa de administração do cotidiano já que nos Estados Unidos, seu país de origem, ela se sentia no controle e fazia questão que assim fosse evitando até o retorno de Marguerite à Europa que ela tanto amava.

Já no caso de Elizabeth e Lota a situação era bem diversa. Lota pertencia a elite carioca acostumada a ser servida e viver dentro de padrões bem acima da média das demais pessoas. Para as questões da vida cotidiana ela contava com empregados que realizavam as tarefas fundamentais. Ademais, ela era uma mulher extremamente independente ativa. Uma tarefa que monitorava de perto era a construção de sua casa em Samambaia. Era ela quem lidava com os operários e era comum vê-la entre eles dando ordens e administrando de perto a construção. Ao assumir parte das obras do aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, passa a se dedicar inteiramente a essa tarefa. Elizabeth, por sua vez, era uma mulher tímida e insegura, que falava o português de forma rudimentar e, portanto, não poderia jamais pelo seu próprio perfil e pelas barreiras linguísticas administrar o que quer que fosse a não ser a vida como escritora. Era essa sua principal atividade. Lota construiu na casa um estúdio em que ela podia trabalhar sem ser incomodada e ali ela ficava, sentindo-se solitária e, muitas vezes, deprimida e infeliz. Apesar disso, foi no Brasil que ela produziu grande parte de sua expressiva obra.

7 AS INCONSTÂNCIAS DO AMOR

Como todo e qualquer relacionamento estas histórias são recheadas de momentos de grande alegria e felicidade, amizade e companheirismo, de apoio incondicional e de valorização do outro. O encontro inicial que em todos os três casos

se deu numa fase de maturidade, a paixão, o desejo de ficarem juntas, o início da vida a dois marcado pelos rituais amorosos, pelos mimos, cartas de amor os apelidos íntimos e amorosos usados para se referir às suas amadas/amantes. Pude identificar, por exemplo, que Marguerite era chamada pelo diminutivo “Grete”, por sua parceira Grace durante um determinado período que correspondeu aos anos de 1948-1950. Marguerite por sua vez ao redigir o nome de Grace, sempre escrevia “Grâce” que correspondia no francês à palavra graça. Savigneau (1990) em sua biografia de Yourcenaur afirma: (...) “*A propósito, pode-se notar que Grace e Marguerite sempre permaneceram fiéis ao costume americano dos cartões que se enviam pelo São Valentim a quem se ama. Mesmo nos piores momentos de sua vida em comum, nos últimos anos. Como se o rito, testemunhando o que foi, continuasse a dar-lhes uma existência no presente*” (p. 365). Elizabeth Bishop, numa das únicas cartas de que se tem registro (segundo Giroux:1995:499) a maioria foi queimada pelas suas rivais), se refere à Lota como “querida”; Alice B. Toklas chamava a famosa escritora Gertrude Stein de “baby”.

Em contrapartida havia também inúmeros conflitos que geravam tensões que se não chegaram a separar os pares, causaram desconforto e sofrimento. Em Gertrude e Alice, assim como em Marguerite e Grace, eles eram motivados em parte pelo excessivo controle que Alice e Grace exerciam sobre a vida de suas parceiras, pois como já foi dito elas cuidavam de tudo que dizia respeito a casa e influenciavam também na atividade profissional. Essa tensão assumiu maiores proporções em Marguerite e Grace que nos últimos dez anos juntas, período em que Grace lutou bravamente contra um câncer, se transformou em hostilidade declarada. Se por um lado havia a doença e todas as suas nefastas consequências, por outro havia a impossibilidade de Marguerite ausentar-se dos Estados Unidos em direção à Europa o que era seu maior desejo, pois ela se mantinha solidária a Grace e permaneceu junto a ela até o último momento.

Em se tratando de Elizabeth e Lota as tensões começaram se dar nove anos depois de iniciado o relacionamento, período em que Lota assume a obra do aterro do Flamengo e se envolve tanto emocionalmente quanto fisicamente com esta atividade o que fez com que elas tivessem que se mudar para o apartamento no Rio de Janeiro. Bishop não gostava de morar no Rio, preferia a casa de Samambaia, mas teve que ir acompanhando Lota. Ademais, ela passou a ficar muito tempo sozinha com Lota sempre envolvida com o trabalho e como ela não tinha amigos no Brasil, a não ser os amigos de Lota, a situação foi se tornando insuportável. Nesses momentos ela entrava em

depressão e bebia o que gerava inúmeros transtornos. Lota sempre a apoiou, mas estava completamente absorvida pelo trabalho e não podia se fazer presente como Bishop precisava. Nessa fase crítica, Elizabeth viajou algumas vezes para os Estados Unidos aceitando ministrar alguns cursos em universidades, mas sua extrema insegurança lhe causava muitos sofrimentos. Foram anos difíceis para as duas. Lota tendo que lidar com inúmeras frustrações em função das disputas políticas que envolviam o trabalho do Aterro; ela que sempre foi acostumada a vencer não soube lidar com as perdas. Bishop, por sua vez, a vida inteira tendo que lidar com perdas e sempre insegura em relação ao que era capaz de fazer, foi quem se saiu melhor, o que ela bem expressa em seu famoso poema “Uma Arte”¹⁰.

Apesar das inconstâncias do amor, nos três casos aqui analisados, a relação durou “até que a morte as separasse”. Quando isso ocorreu, colocou-se um problema que hoje tem sido objeto de debate no campo da homoafetividade e que se refere a situação financeira da parceira que fica e do usufruto dos bens que aquela que partiu deixou. Excetuando-se o par Marguerite/Grace, pois Marguerite na condição de escritora tinha rendimentos de suas obras e sobreviveu a Grace, tanto Alice quanto Elizabeth enfrentaram inúmeras dificuldades.

Gertrude possuía uma coleção invejável de obras de pintores modernos avaliada em uma pequena fortuna. Antes de morrer ela deixou o usufruto de seus bens para Alice enquanto ela vivesse com possibilidade de transformar algumas obras em dinheiro. Com a sua morte os bens passariam para a mão de seu sobrinho. Ocorre que o sobrinho faleceu antes de Grace e surgiram outros herdeiros preocupados em zelar por seu futuro patrimônio. Alice se viu, assim, impossibilitada de negociar o que quer que fosse. Para garantir sua subsistência ela contou com a ajuda de amigos e chegou a vender às escondidas algumas gravuras de Picasso. Se considerarmos que ela morreu aos 90 anos e sobreviveu 21 anos além de Gertrude, pode-se avaliar parte das dificuldades que

¹⁰ A arte de perder não tarda aprender;/tantas coisas parecem feitas com o molde/
da perda, que o perdê-las não traz desastre./Perca algo a cada dia. Aceite o susto,/de perder chaves, e a
hora passada em balde./A arte de perder tarda aprender./Pratica perder mais rápido mil coisas
mais:/lugares, nomes, onde pensaste de férias/ ir. Nenhuma perda trará desastre./Perdi o relógio de minha
mãe. A última/ou a penúltima, de minhas casas queridas/ foi-se. Não tarda a aprender, a arte de
perder./Perdi duas cidades, eram deliciosas. E,/pior, alguns reinos que tive, dois rios, um/
continente./Sinto sua falta, nenhum desastre./- Mesmo perde-te a ti (a voz que ria, um ente/ amado)
mentir não posso. É evidente:/ a arte de perder muito não tarda a aprender,/embora a perda – *escreva
tudo*) lembre desastre. Bishop, Elizabeth. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
das Letras, 2001. (Tradução de Paulo Henriques Britto)

enfrentou sem ter Gertrude lhe deixado qualquer garantia futura, depois de 37 anos de vida em comum.

Elizabeth Bishop também sofreu pressão por parte dos familiares de Lota, apesar de sua situação ser diferente, pois ela era uma escritora reconhecida e tinha uma produção literária constante, ainda que durante grande parte de sua vida tenha vivido de subsídios, bolsas e dos prêmios que recebia. O fato é que ela foi muito pressionada, acusada, abandonada e transformada em “*bode expiatório*” como ela mesma disse, por quase todos aqueles que amavam Lota. Ela expõe longamente nas cartas que escreveu a alguns amigos todo o seu pesar: “[...] *Você imagina o que é chegar ao único lar (perdoe o sentimentalismo, mas é verdade) que eu já tive neste mundo e constatar não apenas que ele não era mais meu –isso eu já havia aceito – mas também que estava quase completamente vazio?*” (GIROUX:1995:543). Os amigos levaram o que puderam, até as fotos, “*isso depois de eu viver todos esses anos com Lota*” (idem), lamenta Bishop.

Ficaram para todas as lembranças, as saudades, a memória de um tempo vivido, de um amor, que nada pode apagar.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e Amor*. Portugal: Bertrand, 1979.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AMARAL-GONÇALVES, Telma. *Falando de Amor. Discursos sobre amor e práticas amorosas na contemporaneidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, UFPa/PPGCS, 2011.

AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BISHOP, Elizabeth. *Esforços do Afeto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BRITTO, Paulo Henrique. *Poemas Escolhidos de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMATTA, Roberto. Prefácio. IN AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

GIROUX, Robert. *Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GALEY, Matthieu. *De olhos abertos*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1983.

GÓES, Marta. *Um porto para Elizabeth Bishop*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par – Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004[1992].

HEMINGWAY, Ernest. *Paris é uma festa*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000[1964].

MALCOLM, Janet. *Duas Vidas. Gertrude e Alice*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

MARTINS, Maria Lúcia Milléo. *Duas Artes. Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: UFMG, 2006

MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso. Cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Minas Gerais: UFMG, 2000.

MOUTINHO, Laura. *Razão, “cor” e desejo. Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “interrraciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

NOGUEIRA, Nádia. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*. Tese de Doutorado. São Paulo: Campinas, 2005.

OLIVEIRA, Carmem L. *Flores Raras e Banalíssimas. A história de Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SAVIGNEAU, Josyane. *Marguerite Yourcenar. A Invenção de uma Vida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1990.

STEIN, Gertrude. *A Autobiografia de Alice B. Toklas*. Porto Alegre: L e PM editores, 2006[1993].

_____. *A Autobiografia de todo mundo*. São Paulo: CosacNaify, 2010[1937]

SLEDGE, Michael. *A arte de perder*. Leya, 2011.

TOKLAS, Alice B. *O livro de cozinha de Alice B. Toklas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996[1954].

YOURCENAR, Marguerite. *O Labirinto do Mundo I. Recordações de Família*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1974.

_____. *O Labirinto do Mundo II. Arquivos do Norte*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

_____. *O Labirinto do Mundo III. A Eternidade, o que é?* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.